

Como funciona o índice de Desenvolvimento humanos IDH

1 Introdução

2 Metodologia

3 Resultados

Introdução

“O propósito básico do desenvolvimento é ampliar as escolhas das pessoas, criando um ambiente capacitante para que elas gozem uma vida longa, saudável e criativa. Por isso, o avanço de uma população não pode ser medido apenas pela sua dimensão econômica, mas também por suas características sociais, culturais e políticas”. Partindo deste princípio os economistas **Mahbub ul Haq**, do Paquistão, e **Amartya Sen**, indiano ganhador do Premio Nobel de Economia de 1998, criaram, em 1990, o **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**. Trata-se de um indicador que oferece um contraponto ao **Produto Interno Bruto per capita**, indicador que presume haver um elo entre o crescimento econômico nacional e a expansão das opções humanas de um indivíduo. O PIB per capita leva em conta apenas o desenvolvimento econômico de um país.

O Brasil desenvolvido

O PNUD divulgou em 27 de novembro de 2007, o Relatório do Desenvolvimento Humano do biênio 2007-2008 - *Combatendo a Mudança Climática: Solidariedade Humana num Mundo Dividido*, contendo dados de 177 países e territórios. Pela primeira vez na história do IDH, o Brasil aparece no ranking dos países com alto desenvolvimento humano, com uma pontuação de 0,800 (escala de 0 a 1). É um avanço, se considerar que o índice brasileiro do relatório anterior era de 0,792, o que deixava o Brasil entre os países com médio desenvolvimento ou em vias de desenvolvimento.

Tendências de longo prazo no IDH do Brasil

Ano	Expectativa de vida no nascimento (anos)	Taxa de alfabetização dos adultos (% com mais de	Taxa de matrícula combinada (%)
-----	--	--	---------------------------------

	15 anos)		
1990*	66,1	82	67,3
1995*	68,2	84,7	74,4
2000*	70,3	86,9	90,2
2004*	71,5	88,6	87,5
2005	71,7	88,6	87,5

() Estas séries foram ajustadas levando-se em conta as revisões e atualizações das estatísticas daquele ano, e não necessariamente são iguais às publicadas em RDH*

Fonte: PNUD Brasil

Para chegar ao IDH, os dois economistas elaboraram uma fórmula que leva em conta **três elementos de igual importância**:

- **renda** (o PIB per capita corrigido pelo poder de compra de dólar de cada país)
- **longevidade** (expectativa de vida ao nascer)
- **educação** (índice de analfabetismo e taxa de matrícula em todos os níveis de ensino)

Cada um desses elementos é composto de fatores que colaboram com o índice de cada um. Entra na cota da longevidade, por exemplo, a segurança humana, composta, entre outros fatores, das estatísticas sobre crimes, fome e ameaças à segurança provocadas pelo desemprego repentino. Na cota de educação, entram o nível de conhecimento e a eficiência dos recursos disponíveis para a população (leia o texto da página sobre a [metodologia do IDH](#)). O resultado desse levantamento - o **Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH)** - é publicado anualmente pelo **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)**.

O primeiro RDH foi publicado em 1990, mas o índice foi recalculado para os anos anteriores, a partir de 1975, possibilitando uma visão mais abrangente da evolução de cada nação no desenvolvimento humano desde a década de 70. O IDH é uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Ele não abrange todos os aspectos econômicos do desenvolvimento e serve somente para apontar em que setores um país deve reunir esforços para melhorar o bem-estar e a prosperidade de seus habitantes. Com o passar dos anos, o indicador do desenvolvimento humano acabou se tornando uma referência mundial.

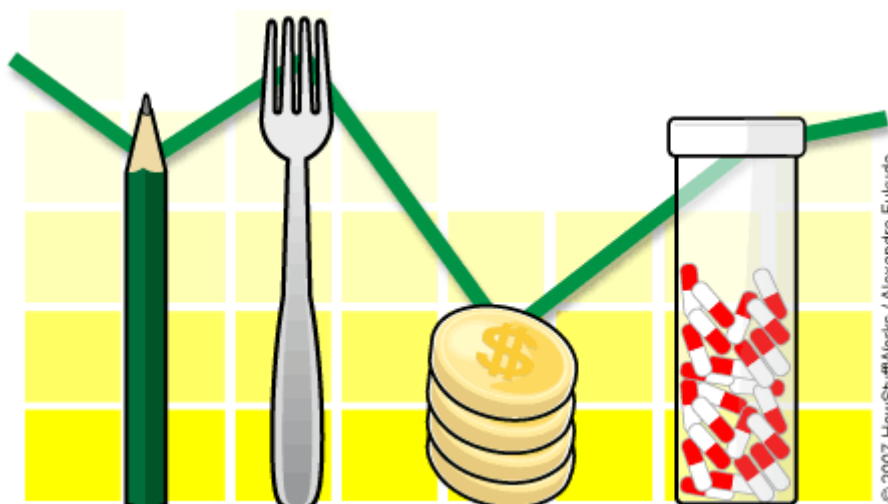
Foi nele, por exemplo, que as **Nações Unidas** se basearam para estabelecer **os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. E é nele que governos estaduais e municipais se fiam para montar o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), uma versão do IDH para os 26 Estados e 5.507 municípios do país.

Os Objetivos do Milênio é um conjunto **de oito metas de desenvolvimento** que os 192 países-membros da ONU se comprometeram a cumprir até 2015. Elas são:

1. Erradicar a extrema pobreza e a fome
2. Atingir o ensino básico universal
3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres
4. Reduzir a mortalidade infantil
5. Melhorar a saúde materna
6. Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças
7. Garantir a sustentabilidade ambiental
8. Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento

Nas próximas páginas você vai saber como funciona a metodologia usada pelo IDH, e como foi o desempenho do Brasil nos últimos RDH.

Metodologia



O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma fórmula que leva em conta diversos fatores para medir o desenvolvimento de um país ou mesmo de um município. Uma das bases do índice é o Produto Interno Bruto per capita (por pessoa). Essa medida, no entanto, é insuficiente, já que pegar o volume de dinheiro que um país gera e **simplesmente dividir pelo número de pessoas não informa como essa riqueza é distribuída**. É só lembrar dos países árabes produtores de petróleo cujo PIB pode ser enorme, mas quem fica com o maior bolo é uma exígua parte da população. Assim, no IDH, o PIB per capita é recalculado através de um outro índice: o **PPP – Purchasing Power Parity**, ou, em português, **PPC – Paridade do Poder de Compra**. Nesse caso, é preciso levar em conta o câmbio de cada moeda nacional. Seu cálculo é feito através de uma base logarítmica. E o resultado é apresentado apenas em dólar.

Esses valores monetários, no entanto, são insuficientes. Por isso, o IDH, além

do PPC, é calculado a partir de outras dois principais indicadores. São, portanto, três as principais variáveis:

- **Longevidade** – que mede a expectativa de vida e nascimento da população de uma determinada região
- **Acesso à educação** – que mede nível de alfabetização de adultos e número de pessoas com acesso aos três níveis educacionais
- **Qualidade de vida** – que leva em conta o PPC.

Como é possível imaginar, esses três itens têm diversas variáveis. Por exemplo, no item longevidade, há variáveis como:

- Esperança de vida ao nascer
- Mortalidade até um ano de vida
- Mortalidade até cinco anos de vida
- Probabilidade de sobrevivência até 40 anos
- Probabilidade de sobrevivência até 60 anos
- Taxa de fecundidade total
- Percentagem de enfermeiros residentes com curso superior
- Números de médicos residentes por mil habitantes

E assim, cada um dos itens é subdividido em outros subitens.

O IDH é uma unidade que varia de 0 a 1. Mas para que essa centena de variáveis acabe nessa ordem de grandeza, é necessário fixar mínimos e máximos de cada um e fazer uma série de cálculos. Vamos a alguns exemplos de índices mínimo e máximo.

- Expectativa de vida ao nascer – de 25 a 85 anos
- Nível de alfabetização de adultos – de 0% a 100%
- Proporção de matrículas – de 0% a 100%
- PPC – de US\$ 100 a US\$ 40.000

Para se ter uma idéia de como esses números chegam as essas unidades, veja esse cálculo.

Índice

$$\frac{\text{valor atual} - \text{valor mínimo}}{\text{valor máximo} - \text{valor mínimo}}$$

Assim, imagine um país com expectativa de vida ao nascer de 65 anos. O cálculo seria:

Índice de expectativa de vida

$$\frac{65 - 25}{58 - 25} = \frac{40}{60} = 0,667$$

Esse tipo de cálculo, então, é feito com todos os outros itens. Para se chegar ao índice somam-se os valores gradualmente e vão sendo divididos. A última etapa é somar as três variáveis já compiladas (índice de expectativa de vida, índice de acesso à educação e o PPC) e dividi-las por três, chegando-se ao índice final que sempre vai variar de 0 a 1.

Novo cálculo

Desde 1999, essa metodologia descrita é a usada. A principal mudança com relação aos cálculos anteriores foi a introdução da base logarítmica para se chegar ao PPC, que acabou tornando o índice mais confiável em relação às suas variações ano a ano.

Além dessa mudança, os índices não podem ser comparados simplesmente pegando o relatório do ano anterior para esse ano, já que outras metodologias vão mudando a cada ano e em cada país. É o caso do PIB brasileiro, cuja a metodologia mudou em 2007. Assim, para fazer a comparação é preciso recorrer a seguinte tabela.

Outra novidade do IDH é que, a partir de 2007, o relatório, antes divulgado anualmente, passa a ser bienal.

De onde vêm os dados ?

Você pode estar pensando. Ok, já tenho uma idéia de como é feito o cálculo, mas da onde vêm esses números? Como um índice que pretende abordar o maior número de países possível, o IDH vai atrás de várias fontes para chegar aos dados. São mais de 220 institutos de pesquisas nacionais consultados. É baseado também nos índices de PPCs compilados pelo Banco Mundial. Mesmo assim, com tantos números, sempre surgem discrepâncias. Para resolver essas diferenças, o Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) procura entrar em contato com os institutos nacionais e também com as unidades da Organização das Nações Unidas instaladas nesses países ou em países vizinhos. Quando nenhuma dessas alternativas é possível, o Pnud faz então uma regressão econométrica, ou seja, recalcula os dados levando em conta dados anteriores e estimativas atuais.

Classificando os dados

Com os dados calculados, o IDH passa por uma classificação que estabelece o ranking dos países. Assim, os países podem ser divididos em:

Alto desenvolvimento humano – IDH acima de 0,8

Médio desenvolvimento humano – IDH de 0,5 a 0,799

Baixo desenvolvimento humano – IDH até 0,499

Além disso, os países podem ser classificados de acordo com o rendimento econômico, critério do Banco Mundial:

Alto rendimento – renda per capita de \$ 10.066 ou mais (em 2004)

Médio rendimento – renda per capita de \$ 826 a \$ 10.065 (em 2004)

Baixo rendimento – renda per capita até \$ 825

Outras subdivisões podem ser feitas para a análise dos resultados. Separando-os, por exemplo, em três grupos majoritários:

- Países em desenvolvimento – como Índia, Brasil ou Serra Leoa
- Países da Europa Central e Leste e integrantes dos Estados independentes – como Alemanha, Lituânia, Rússia ou Eslovênia.
- Países integrantes da OECD (Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento) como Portugal, Estados Unidos ou Austrália

Como se pode ver, alguns países podem estar em mais de um grupo.

Além disso, há uma divisão regional dos países em desenvolvimento que é a seguinte:

- Estados Árabes
- Leste asiático e Pacífico
- América Latina e Caribe
- Sul da Ásia
- Europa meridional
- África Subsaariana

A partir dessas subdivisões, é possível se chegar a vários tipos de comparação que podem ajudar na adoção de caminhos para políticas públicas e econômicas.

Prós e contras

O IDH pode ser considerado um importante termômetro para políticas públicas. Entre os principais **pontos positivos** do índice apontados pelos especialistas estão:

- questionamento do PIB como medida e meta do desenvolvimento;
- auxílio à focalização do gasto público para fins de planejamento;
- avaliação do estoque de bem estar humano de uma nação;
- avaliação do impacto de políticas;
- análise de estratégias alternativas de desenvolvimento, e
- direcionamento de concessões de ajuda internacional.

Apesar de ser uma referência, o IDH recebe algumas **críticas** quanto à sua metodologia e classificação. Entre as principais estão:

- Falta de critérios ambientais no índice como desmatamento ou poluição;
- Falta de critérios para analisar diferenças sociais como as de gênero ou raça;
- Superficialidade na classificação de cada país;
- Ausência de dados sobre economia informal e
- Falta de análise da qualidade da educação.

Resultados

O PNUD divulga o Índice de Desenvolvimento Humano desde 1990. Algumas nações, no entanto, possuem estatísticas com até 25 anos de retroatividade, desde 1975.

Em sua mais recente publicação, divulgada em 27 de novembro de 2007 e válida para os anos de 2007 e 2008, o **Brasil figura pela primeira vez entre as nações com alto desenvolvimento humano**, atingindo a pontuação mínima do novo grupo, de 0,800 (em uma escala de 0 a 1).



Foi uma pequena melhora em relação à pontuação obtida em 2006, de 0,792, impulsionada sobretudo pelo novo cálculo do PIB brasileiro, implantado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no início de 2007. A nova metodologia, que passou a contemplar também a economia informal, o que não acontece em outros países, revisou para cima os resultados do PIB para o ano de 2005, de 2,9% para 3,2%.

Aos longo dos anos, o Brasil tem obtido uma constante melhora no IDH. Em 1975, por exemplo, a pontuação brasileira foi de 0,649, o que dá uma média de crescimento de cerca de 0,050 por década.

Além do PIB, o IBGE promoveu revisões estatísticas em outros índices observados pelo PNUD para a produção do IDH, como os padrões de educação e expectativa de vida, também melhorados.

No ranking geral das nações, no entanto, o Brasil perdeu três posições, caindo de 67º para 70º. Isto ocorreu porque outros países obtiveram melhoria mais significativa na pontuação.

As nações que ultrapassaram o Brasil também ingressaram no grupo de alto desenvolvimento humano, que saltou de 63 para 70 este ano. Algumas delas são Rússia, Macedônia, Albânia e Bielo Rússia.

Para especialistas, o novo posicionamento do Brasil no ranking - último colocado do seu novo grupo - mostra que os indicadores sociais brasileiros estão muito abaixo do nível de renda do país. **A nação sustenta o inglório título de mais desigual de seu novo grupo** (10% mais ricos da população

têm renda 51,3 vezes maior do que os 10% pobres).

A classificação geral das nações é o resultado da somatória das estatísticas avaliadas pelo PNUD, apenas uma parte do relatório de desenvolvimento humano. Além do “ranking” propriamente dito, o relatório faz uma análise crítica dos desafios enfrentados pela sociedade para promover e garantir o desenvolvimento humano.

Nesta edição, por exemplo, o relatório aponta que adotar medidas urgentes para mitigar as mudanças climáticas são fundamentais para enfrentar a pobreza e a desigualdade do mundo. O documento sugere ações práticas como a adoção em larga escala dos biocombustíveis, que emitem menos gases de efeito estufa em sua combustão.

A sugestão da promoção dos biocombustíveis pelo PNUD é um tanto quanto delicada, considerando que há pouco mais de um mês a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e a OCDE publicavam um estudo sugerindo que tal medida aqueceria os preços de alimentos em escala global.

A cada ano de divulgação do novo relatório, uma temática é abordada. Em 2006, o foco do relatório foi a escassez de recursos (em particular a água); em 2005, o tema foi os efeitos nocivos de um comércio internacional desigual; em 2004, a liberdade cultural como fator preponderante para a promoção do desenvolvimento humano; e em 2003, os objetivos do milênio. O de 2007, como já foi dito, a questão ambiental.



www.dhnet.org.br